

a alma paradoxal da casa

tania mara galli fonseca*

“(...) os lagos exercem um curioso fascínio, não se sabe bem qual... Muitas pessoas, numerosas mesmo, devem ter ido ali, sozinhas, de quando em quando, de uma época para outra, a fim de soltar seus pensamentos na água, fazendo-lhe uma indagação, conforme aconteceu a uma delas no final de tarde deste verão. Talvez fosse aquela a razão do fascínio — que o lago encerrasse algo em suas águas, fantasias de todos os gêneros, queixas, confidências, não impressas nem expressas em voz alta senão em estado líquido, flutuando uma em cima da outra, quase desencorpadas.

Nós nos acercamos do lago e afastamos os juncos para avistarmos mais fundo, através dos reflexos, através dos rostos, através das vozes desde a tona ao leito. E ali, embaixo do homem que esteve na feira; e da moça que se afogou e do menino que avistou a carpa; e da voz que gemeu

* Psicóloga, Doutora em Educação, Professora do Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Coordenadora do Grupo de Estudos “Modos de Trabalhar, Modos de Subjetivar” da UFRGS.

ai, de mim! Havia sempre alguém mais, sempre mais um rosto, outra voz”.

Virgínia

Woolf

Toda casa contém alma. Aliás, verificamos mesmo que nossa suposição tende a se alastrar, sendo que as cidades, os países, as montanhas, os lagos, o céu, o dia e a noite, enfim, o mundo parecem-nos dotados de uma espécie de vida interior que se expressa em múltiplas configurações, denotando seus mutantes e passageiros estados.

Nosso olhar procura atravessar as espessuras facetadas dos homens e de seus objetos, e ir em busca dos mesmos como corpos que propulsionam e são propulsionados por forças cuja perspectiva é expandirem-se e proliferarem-se. Em cada corpo, uma vida pulsa, ainda sem forma, não criada, vida sem qualidades e ainda não envelopada, tão somente de ninguém, mas que pertence ao vazio infinito e ao devir sem fim. Vida de potências selvagens, vida distinta da experiência que se traduz como impessoal e pré-individual e se coloca como plano de imanência que escapa aos sujeitos e aos objetos. Vida definida pelo artigo indefinido, apenas Uma vida, singularidade pura, vazios que estão em toda a parte, “em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. [...] Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata.”¹

Tratamos aqui de uma dimensão de virtualidades, a qual não falta realidade e que se envolve em um processo de atualização a seguir o plano que lhe dá sua realidade própria. Suas forças atualizadas, pois, em objetos e indivi-



verve

a alma paradoxal da casa

duos, em estados de coisas e em estados vividos, manifesta sua existência desde um *milieu* e não desde uma transcendência superior. Sua formalização sempre faz aparecer o par indivíduo-meio e nos leva a afirmar que, em nossa concepção, corpo e alma se encontram, portanto, grudados e implicados em reciprocidades. Não existem a não ser através das conexões do encontro. A configuração que os torna apreensíveis aos nossos sentidos resulta de uma resolução parcial, precária e provisória de um conjunto de forças em tensão que atuam no seio de sua matéria, fazendo-a desenvolver-se segundo regras de um domínio imperceptível, molecular, instantâneo e quântico. Como sistemas tensionados, supersaturados, acima do nível da unidade que não consiste apenas em si mesmos; nós próprios e o nosso mundo devem ser “calculados” como termos de uma gênese invertida, conforme nos faz ver Gilbert Simondon² quando alerta para a existência de um primeiro termo, o princípio que traz em si o que explicará que o indivíduo seja indivíduo.

A reversão da tendência substancialista que considera o ser como uma unidade dada por si própria, fundada sobre si mesma, inengendrada, leva-nos a olhar para o mundo e os homens como realidades relativas, que, mesmo depois de sua individuação, não esgotam de uma só vez os potenciais daquele plano virtual, que neles opera como um permanente Fora entranhado nas íntimas dobras de sua interioridade. Fora e Dentro, Forças e Formas co-existem em permanente tensão, impulsionando-nos para que nosso olhar venha ultrapassar as evidências expressas na concretude do mundo e de nós mesmos. Precisamos nos deslocar das posições referidas a identidades fixas e inertes. Nosso existir se constitui por sucessivos e sobrepostos desdobramentos, sendo tecido na lógica do finito-ilimitado, sendo certo supor que o morrer constante de formas e estados torna-se a condição mesma do nosso próprio viver como corpos-de-passagem. É desde este ponto que preten-

demos focar a questão da alma da casa, considerando-a como a própria ação do devir na morada do ser.

Nossa abordagem pretende ultrapassar a afirmação aparentemente ingênua e psychologizante que enfoca a alma da casa enquanto reprodução ou projeção de uma natureza humana ou de um psiquismo desencarnado. Esta aparente dedução será um equívoco ao nosso propósito. Queremos frisar a noção de alma, tal como nos ensina Walter Benjamin: enquanto sensibilidades, conhecimentos de si, construção de alteridades produzidas historicamente e que se fazem presentes nas tramas da cultura, do cotidiano, nos minúsculos espaços da ação humana, como nos gestos, nas articulações e sentidos dos olhos, com as mãos no ato do trabalho, nas inquietações produtoras de sonhos, utopias e memória.³

Nesta perspectiva, uma casa ultrapassa a possibilidade de ser lida como um cenário onde transcorre a vida de sujeitos plenos e cheios de si. Quando constituímos uma casa como território existencial, ela pode vir a ser olhada como campo paradoxal onde se tecem sensibilidades a partir dos diversos enfrentamentos de forças que ali circulam. Não basta que a consideremos como um objeto arquitetônico, uma vez que nela ressoam forças de um verdadeiro universo, pequeno-grande mundo urdido pelos fios da memória e da imaginação, fios feitos de afecções, tecidos e esgarçados no desenrolar-se de um complexo espaço-tempo de singularidades contraídas.

Espaço de intensidades que alimentam o desejo de serem distendidas e habitadas, espaço que não apenas aloja o inconsciente, mas o produz, tornando-se sua toca, configurada ao modo-toupeira, ou seja, escavada com movimentos de seu próprio corpo. Casa é cela e é mundo, clausura e abertura ao Fora. Como uma espécie de armadura, supomos que pode nos fornecer o indispensável amparo em nossa errância rumo ao infinito, estranho e desmedido

“lá fora”. De seu interior, podemos buscar um tipo de surdez para o exterior, fechando suas portas e janelas com cuidado. E é quando talvez possamos nos sentir transbordando de um fora que se eleva e cresce em nós, que não nos concede mais refúgio, porque no silêncio do “estar em casa”, vazamos para fora de nós mesmos e, já não agüentando mais, vemo-nos expulsos de nosso próprio coração.

Como explicar a potência transformadora do “estar em casa” que nos desloca, colocando-nos como estrangeiros em nossa própria casa? Como compreender o paradoxo de que é na profundidade de nossa superfície que viemos a escavar o mais profundo labirinto que nos habita? Como suportar esta torção em nos vermos enervante e simultaneamente enroscados nas posições de habitante e de *habitat*?

É chegado o tempo de refazermos a imagem da casa burguesa que ocupa o nosso pensamento atual e que, nos termos de Walter Benjamin,⁴ é definida como uma cápsula, um estojo, na medida em que acomoda o indivíduo e seu pertences (...) lugar de estabilidade, de transparência das relações (...), mundo exclusivo, dotado de valor moral bem mais elevado do que o bem mais atribuído ao espaço cidade. Refazer sua imagem comportaria, portanto, em visualizá-la não apenas por suas funções de moradia, lugar de encontro com a família, como “ninho protetor”. Reimaginá-la enquanto território existencial implica considerar que à sua arquitetura se aderem outros elementos de natureza heterogênea que a adensam e compõem sua consistência. Sons, cores, texturas, gestos, gostos, sujeitos, materiais e equipamentos, tecnologias, são elementos capturados num agenciamento que os superpõem e articulam, fazendo-os existir não mais como sucessão, mas os tomando uns nos outros, ramificando-os em enunciações maquínicas, em sínteses de heterogêneos.⁵

Em toda a casa, habita um corpo-sem-órgãos, atributo de potências pré-individuais e virtuais que se constitui como o avesso, o duplo dos corpos. Forças e formas entrelaçadas e em movimentos tensionados constituem linguagens, fazem da casa um verdadeiro corpo-a-corpo, transformam-na em uma poderosa usina de cujo caos pode-se atingir o subterrâneo, o sem-fundo.

Habitada por forças que a territorializam e desterritorializam, a casa constitui-se no entre, nos vacúolos dos acoplamentos das matérias de natureza diversa, e uma vez considerada rede associativa, tem sua alma, sua consistência colocada *in progress* e concernente aos modos pelos quais seus componentes se agenciam uns aos outros e suportam, outrossim, os fluxos das passagens e de alternância. Desta maneira, podemos dizer que o dentro da casa se mantém sempre em dinamismo às custas de suas relações com o próprio Fora que constantemente a tensiona. Em uma casa, coloca-se em jogo não um centro, um tronco ou uma raiz agenciadores, posições tomadas como de comando superior. Não podemos impor-lhe uma boa forma, nem de fora, nem de cima, mas antes uma articulação de dentro. Rede de relações e conexões não-lineares, não de um centro a outro, mas de molécula a molécula, *ingineering* molecular não definida por um começo de onde derivaria uma seqüência linear, mas por densificações, intensificações, reforços, retheaduras... Estado de devir, molecular e não apreensível pela percepção trivial, produtor de uma linguagem das forças, cuja abordagem nos desloca, então, para o domínio das pequenas percepções.⁶

Percepções não percebidas, inconscientes e microscópicas, confusas e fracas em suas partes, mas claras e distintas no seu conjunto. Infinitesimais, imperceptíveis porque muito pequenas para serem percebidas, as pequenas percepções recobrem as discontinuidades aparentes entre as percepções de um estado a outro, formando o próprio



verve

a alma paradoxal da casa

tecido das formas em devir. “As pequenas percepções, como diz Leibniz, [...] compõem nuvens, ‘poeiras’. Eu prefiro chamar essas poeiras ‘atmosferas’. Porque as pequenas percepções dão impressões confusas embora globais e em movimento constante; antes de compor as macropercepções — antes que as miríades de pigmentos de amarelo e de azul que agitam, se misture para definir o verde, constituem uma tendência anunciada e pressentida no turbilhão das pequenas percepções: é isto, a atmosfera.”⁷

A atmosfera da casa coincide com sua própria alma, apontando-nos um vetor intensivo, uma tendência das forças em movimento. Produzida por tensões entre micropercepções, a atmosfera resulta dos investimentos de afetos dos corpos e quando se considera a infinidade de elementos e de causas infinitesimais que concorrem para a sua gênese, quando pensamos que bastaria a ausência ou o desvio de um deles para tudo falhar, nosso primeiro movimento é o de vigiar esse exército de pequenos operários por um contramestre experiente, que repararia a cada instante os erros cometidos, corrigiria os efeitos das distrações, reporia as coisas no seu lugar.⁸

A alma da casa se desdobra constantemente num processo de criação. É produzida por um modo que difere da realização de um plano, pois se renova incessantemente e faz com que o seu futuro não possa se delinear como uma idéia apriorística. Os desdobramentos da alma da casa não prosseguem em movimentos para a frente, e apesar da existência de linhas tendenciais que orientam a marcha dos fluxos, entre elas corre uma multidão de vias secundárias nas quais, multiplicam-se os desvios, as paragens e os recuos.

Desta maneira, podemos dizer que as portas de uma casa permanecem sempre escancaradas para o futuro, abertura para o Fora e para a criação que prossegue indefinível. A alma de uma casa sempre tende a ir além de si

própria. A dissonância e a mobilidade constituem sua regra. Nosso desejo de torná-la inteligível, previsível e governável, não nos faz, entretanto, satisfeitos com sua constituição como um organismo dinâmico e dotado de vida. Queremos impor-lhe uma funcionalidade, repar-timo-la em órgãos funcionais, fixando-lhe e especializando seus usos e sentidos, o que subtrai a potência de seus possíveis devires. Nesta operação, nosso querer se expressa em um ordenamento e organização que evocam inércia e passividade. Tornamos inerte aquilo que é vivo, subtraindo-lhe o movimento e as tensões que lhe são imanentes.

Uma casa é depositária e produtora de vida. Através de seus movimentos e direções, ela concorre para fazer evoluir a própria vida, operando como um transportador de forças vitais que nela se implicam e tomam consistência. Compara-se a um imenso reservatório de energias, cujos jatos, cada um deles, podem ser tomados como expressões de suas almas, de suas atmosferas, enfim, linguagem de suas forças. Coisas e estados não passam de pontos de vista do nosso espírito sobre o devir. Não há coisas, apenas ações. Uma casa, enquanto sistema dinâmico, comporta-se, portanto, como uma máquina de agir que se reconstrói a cada ação como se fosse de borracha e pudesse mudar a cada instante a forma de todas as sua peças.

Tornada, historicamente, em aparelho da vida privada, sede da esfera íntima e pessoal em oposição à pública e coletiva, a imagem predominante de casa que ocupa nosso imaginário nada tem a ver com as propriedades deste sistema de forças que acabamos de registrar. Forjada para abrigar-nos do horror do caos e da noite, ela também é vista como elemento de fixação dos indivíduos nômades, tornando-os localizáveis e visíveis ao controle social. Idealizada como porto seguro ao transcurso da vida de seus domiciliados, ela, paradoxalmente, torna-se morada para



verve

a alma paradoxal da casa

o desenrolar de múltiplos processos e devires. Como irmãs-siamesas, a casa do imaginário e a casa das forças vivas, não se amam, como nos diria Calvino em *As Cidades Invisíveis*: “As duas cidades gêmeas não são iguais, porque nada que acontece em Valdrada é simétrico: para cada face ou gesto, há uma face ou gesto correspondente invertido ponto por ponto no espelho. As duas Valdradas vivem uma para outra, olhando-se nos olhos continuamente, mas sem se amar.”⁹

Se é verdade que o estilo de nossos atos compõe o espaço que inventamos, e que este deve ser concebido como conjunto indissociável de coisas e de ações, temos de convir que nossa casa, como moradia, reflete-se tanto como produto quanto produtora de nossos modos de existir. Constituída como um dentro em permanente acoplamento com os corpos que a atravessam e com a exterioridade que a circunscreve, uma casa pode também se revelar como tempo, ultrapassando, assim, o seu caráter espacial *strictu sensu*. Casa-máquina, inseparável do que pode vir a produzir como modo de subjetivação contemporâneo. Expressão de uma história de saberes e de poderes, os modos de morar, a organização dos espaços e do habitat correspondem a estratégias geopolíticas e a implantações econômico-políticas. Para além de sua configuração como máquina de morar, uma casa sempre possui o seu duplo invisível, encontrando-se nele imersa como um corpo em uma nuvem de poeiras, cujos infinitesimais grãos se acoplam e tomam-se uns nos outros em oblíquas conexões. O que nos afeta em uma casa é a sua atmosfera criada a partir das tensões entre moléculas imperceptíveis e que se encontram em constante movimento em busca de uma configuração. Produtora de almas, uma casa também se auto-produz, escavando de si elementos que contornam o vazio e os silêncios de seu espaço-tempo.

Sim, uma casa possui não só uma, mas variadas almas. Almas alegres, almas tristes, abertas, soturnas. Elas, apesar de invisíveis, são as intensas presenças que lhe conferem sentido. Mergulhar em sua superfície, buscá-la naquilo que escapa ao olho, pode nos tornar cúmplices do reencantamento do concreto e de nossa própria transfiguração.

Notas

¹ Gilles Deleuze. “A Imanência: uma vida” in: *Revista Educação & Realidade*, v. 27, n. 2. Porto Alegre, jul/dez 2002, p. 14.

² Gilbert Simondon. “A Gênese do Indivíduo” in *Cadernos de Subjetividade*. Tradução de Ivana Medeiros. Reencantamento do Concreto. São Paulo, Hucitec, 2003, pp. 99-117.

³ Luis Antonio Baptista. “As cidades da falta” in *Saúdeloucura* n° 6. Subjetividade. São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 170-182.

⁴ Walter Benjamin, *Obras Escolhidas III* in Silvia Carvalho Josephson. “Espaços urbanos e estratégias de hierarquização” in *Saúdeloucura*, n. 6. São Paulo, Ed. Hucitec, 1997, p. 144.

⁵ Gilles Deleuze e Félix Guattari. “Acerca do Ritornelo” in *Mil Platôs. Esquizofrenia e Capitalismo*, v. 4. São Paulo, Ed. 34, 1997, pp. 115-170.

⁶ José Nuno Gil. *A imagem-nua e as pequenas percepções*. Lisboa, Relógio d'Água, 1996.

⁷ José Nuno Gil. *Les petites perceptions*. Texto digitado, p. 4, Tradução livre.

⁸ Henri Bergson. *A Evolução Criadora*. Rio de Janeiro, Ed. Delta, 1964.

⁹ Italo Calvino. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 54.

RESUMO

Nesse artigo, problematizamos a questão da imanência e do pré-individual, que transporta acontecimentos e singularidades e potencializa o ser. Concebemos o corpo como uma dimensão de virtualidades e forças. Rompemos, pois, com a concepção dualista entre corpo e alma. Além disso, discutimos sobre a alma da casa, como a ação do devir na morada do ser. Pensamos a casa como um campo paradoxal onde se tecem sensibilidades e forças diversas, como um espaço que aloja o inconsciente e o produz, além de uma produção de variadas almas. Assim, surge a potência do estar em casa e, ao mesmo tempo, pode nos deslocar e nos colocar como estrangeiros na própria casa. Desse modo, a alma da casa pode se tornar um processo de transfiguração e criação.

Palavras-chave: Imanência, singularidades, devir.

ABSTRACT

On this article, we argue the question of immanence and pre-individual, that carries happenings and virtualities and potencializes the being. We understand the body as a dimension of virtualities and powers. Thus, we break the dualist idea between body and soul. Besides, we discuss about the home's soul, like the action of the becoming on the being's home. We think the home like a paradoxical field where the sensibilities and the several powers are developed, such as a place where the unconsciousness stays and where it's produced, besides a production of several souls. So, the potency of the home being happens, and, at the same time, it may disjoint and joint us like strangers in our own home. In that case, the home's soul may become a process of transfiguration and creation.

Keywords: Immanence, singularities, becoming.

Recebido para publicação em 26 de julho de 2005 e confirmado em 28 de agosto de 2005.